

RESUMOS CIENTÍFICOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA – UNIVERSO BH



PAPILOMATOSE CANINA

Isabella Moreira Soares¹, João Hermano¹, Lidiane da Silva¹ e Guilherme Guerra Alves²

1 Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Belo Horizonte/MG – Brasil

2 Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo levar informação sobre o Papiloma Vírus Canino, desde a transmissão até o tratamento e controle, com foco na utilização das vacinas profiláticas e autógenas.

METODOLOGIA

Para as informações utilizadas, foram pesquisadas revistas científicas publicadas por diversas universidades nacionais. Algumas delas tendo como base o acompanhamento da evolução do quadro de cães tratados em hospitais veterinários.

RESUMO DO TEMA

A papilomatose é uma doença infectocontagiosa que causa neoformações benignas cutâneas ou nas mucosas da orofaringe, esôfago ou do trato genital. Essas neoformações possuem oncogêneses que são responsáveis pelo crescimento e divisão das células epiteliais do hospedeiro, o que acaba formando o que nós conhecemos popularmente como “verrugas”.

O vírus que causa a papilomatose pertence à família Papillomaviridae, gênero papillomavirus e a espécie que afeta os cães é a *Canis familiaris*. É um vírus não envelopado, tem o DNA de fita dupla circular, formato icosaédrico e é altamente espécie específico.

As espécies comumente mais afetadas são os cães e bovinos, mas o vírus também já foi identificado em coelhos, alces, equinos, ovinos, suínos, macacos, em alguns tipos de roedores e em algumas espécies de aves. Apesar de poder acometer animais de qualquer idade, os jovens (com menos de um ano), os idosos e os imunossuprimidos são os mais afetados. Não foi observada influência climática na incidência dessa infecção.

As principais fontes de transmissão são secreções ou sangue provenientes dos papilomas dos animais contaminados. A forma de transmissão pode ser direta ou indireta, especialmente a partir da descamação dos papilomas, por exemplo, se o animal lesionou algum papiloma ao rolar no chão, ou se esfregar na parede, o sangue ou a secreção que sair dali pode ter contato com algum outro animal ou infectar o ambiente. Também pode ser por transmissão iatrogênica, utilizando-se instrumentos contaminados ou por fômites.

Ressaltando que é uma doença altamente contagiosa e se tiver um animal contaminado que vive em canil, ONG ou qualquer outro ambiente com grande quantidade de animais, tem grandes chances dos outros serem infectados também.

Nos cães são descritas seis síndromes clínicas: papilomatose oral canina, papilomatose genital, papilomas múltiplos de coxim plantar, papilomas caracterizados por placas pigmentadas de origem viral, também denominados verrugas planas, papilomas cutâneos e papilomas cutâneos invertidos. Sendo as mais comuns a papilomatose oral e as cutâneas.

A patogenia ocorre da seguinte maneira: os animais vão ter o contato com o vírus de forma direta ou indireta, o vírus vai migrar até as células epiteliais (por quais tem grande tropismo), atingir as células basais desse epitélio e vão tentar iniciar a replicação. Mas antes é necessário fazer a diferenciação celular para conseguirem misturar seu DNA com o DNA da célula, expressar seus genes virais e formar o capsídeo viral. Apenas após isso o vírus consegue se replicar dentro da célula. Após esse processo, o vírus vai sair e começar a infectar as outras células ao redor de forma anormal, originando assim, os papilomas.

Os sinais clínicos da papilomatose, em geral, são os aparecimentos dos papilomas, que em si normalmente não são doloridos, apenas quando lesionados. Todos os outros sinais vão depender exclusivamente do local em que o papiloma aparece. Por exemplo, se os papilomas surgirem na cavidade oral, ao mastigar, o animal pode acabar rompendo ou lesionando algum papiloma, o que pode causar dor, saliva sanguinolenta, disfagia e até mesmo dispneia. Essa dor pode levar o animal a parar de se alimentar, o que posteriormente pode levar a uma anemia, devido a deficiência dos nutrientes. Se os papilomas surgirem nas regiões dos coxins, o animal pode apresentar claudicação. Já na região ocular pode causar enorme irritação e coceira.

O diagnóstico clínico já é o suficiente para confirmar a doença. O veterinário deve observar os locais onde esses papilomas apareceram, a quanto tempo o dono tem notado o aparecimento e quando começaram a se replicar. Então esse diagnóstico baseia-se no histórico, epidemiologia, exames físicos e a morfologia deles que costuma ser bem característica. Raramente será necessário o diagnóstico laboratorial, mas caso preciso, pode ser feito o cultivo celular, microscopia eletrônica, biópsia e avaliação histológica.

O tratamento não costuma ser indicado caso os papilomas não estejam em grandes quantidades, tamanhos e não apresentarem algum risco ao animal. Na maioria das vezes ocorre a regressão espontânea e o animal apenas deve ser monitorado pelo veterinário para prevenir a evolução do quadro.

O tratamento será indicado somente quando os papilomas apresentarem grande quantidade e tamanho e possam causar a obstrução da faringe ou problemas na alimentação do animal. Pode ser usado imunostimulantes, como por exemplo, interferons, que tem a função de interferir na replicação dos vírus e estimular a resposta de defesa de outras células.

Pode ser feita a remoção cirúrgica dos papilomas, eletro cauterização ou congelamento através da criocirurgia. Também pode ser feito o esmagamento de uma pequena quantidade de papilomas com a finalidade de induz uma regressão espontânea, estimulando a resposta do sistema imune.

Uma opção muito estudada ultimamente é o uso das vacinas autógenas, obtidas através do agente etiológico isolado do próprio animal. Após o cão ser anestesiado, é feita a retirada de 5 a 20g de papilomas do animal, feita a maceração, lavados em água corrente para a retirada das impurezas e inativados com solução formalina 0,04%. Então é levada a estufa por 24 horas a 37° C. A partir daí, ela pode ser aplicada por via subcutânea ou intramuscular, de 1 a 2 ml. A quantidade das doses e intervalo entre elas vão variar de acordo com a recomendação feita pelo veterinário que acompanha o caso. A vacina autógena pode não ser efetiva contra papilomatoses persistentes

É de extrema importância ressaltar que não é possível saber com exatidão a eficácia do tratamento, tanto no uso de imunomoduladores quanto das vacinas autógenas, pois como foi dito anteriormente, a maioria dos animais vão apresentar a regressão espontânea. Então caso ocorra a regressão, não é possível determinar se foi devido ao tratamento ou simplesmente o organismo do animal respondendo naturalmente.

O controle pode ser feito a partir da higienização dos possíveis fômites, principalmente em hospitais veterinários. Por ser uma doença altamente contagiosa, é de extrema importância afastar o animal contaminado dos outros. É redobrar o cuidado principalmente em animais que são filhotes, idosos ou imunossuprimidos, já que são os mais susceptíveis.

Porém, muitas vezes é inviável realizar essa separação, como em canis e ONG's, então é recomendado a vacinação profilática. Muitas vacinas

ainda estão sendo estudadas, mas algumas já foram aplicadas experimentalmente. Para produzir a vacina utiliza-se a proteína L1 do capsídeo viral, ela induz a produção de anticorpos.

Muitas pesquisas ainda estão sendo feitas afim de melhorar a eficácia das vacinas profiláticas, porém a dificuldade em fazer a reprodução do vírus por meio do cultivo celular impede a evolução significativa desses experimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que a Papilomatose, apesar de ser altamente contagiosa, apresenta a regressão espontânea na maioria dos casos. Por isso, o foco dos estudos se voltam para a fabricação das vacinas e tentar superar os obstáculos criados pelo vírus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **VIEIRA, L.C. e POGGIANI, S.S.C.** Papilomatose canina. PUBVET, Londrina, V. 6, N. 16, Ed. 203, Art. 1357, 2012.
2. **QUEIROZ, J.R.** Uso da auto-hemoterapia a thuya occidentalis e thuya avícola no tratamento da papilomatose canina. UFERSA, Mossoró, 2018.
3. **MARINS, R.S.S.** Detecção do papilomavírus em animais através de técnicas moleculares e citogenéticas. UENF. Campo dos Goytacazes, 2008.
4. **FOSSATI, G. RISCH, A.L.C.** Vacina autógena no tratamento de papilomatose em cães. UFP. RS. 2018.
5. **Suhett, W.G. Barboza, R.E. Zanette, D.F. Pereira, A.H.T.** Papilomatose oral canina-relato de caso. Universidade de Londrina, Paraná. 2016
6. **AZEVEDO, F.F. GAMBA, G. PICCININ, A.** Papilomatose canina. Ano VI – Número 10 – Janeiro de 2008 – Periódicos Semestral, FAMED/FAEF.